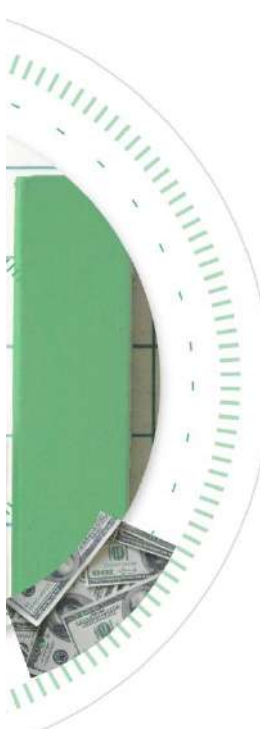


Comportamento Semanal de Mercado

9 a 16 de agosto





Caminhando para um pouso suave

A combinação da divulgação de dados robustos relacionados ao consumo das famílias e de solicitações de pedidos por seguro-desemprego, com a desaceleração gradual da inflação indica que a economia dos EUA parece caminhar para um pouso suave, mitigando as preocupações com os riscos de formação de um processo recessivo no curto prazo e favorecendo à assunção de risco.

Como consequência, a tese da necessidade de cortes mais agressivos perdeu força. O monitoramento da ferramenta *FedWatch* do CME Group apresentou uma elevação de 50,0% em 12/08 para 75,0% em 16/08 da probabilidade de uma redução de -0,25 p.p. em setembro.

Com maior propensão ao risco, o dólar enfraqueceu-se no mercado global de moedas e as principais bolsas acumularam significativos ganhos na semana.

Nos próximos dias, a comunicação que será transmitida pelo Federal Reserve (Fed) no Simpósio de Jackson Hole pode oferecer uma maior referência sobre a trajetória futura da política monetária. Ainda que surpresas sejam improváveis, os números de atividade da indústria e serviços deverão ser acompanhados com atenção pois medem a temperatura da atividade.

Com o Banco Central (BC) manifestando o seu forte incômodo com a desancoragem das expectativas no horizonte relevante, a mediana da expectativa do IPCA recuou de 3,97% para 3,91% para 2025 (3,90% há 4 semanas). Mesmo diante de chances maiores de elevação da taxa básica de juros em 2024, o Boletim Focus manteve a projeção de Selic estável em 10,50% a.a. até meados de 2025. Porém, no mercado de opções digitais da B3, a probabilidade de manutenção da Selic em setembro em 10,50% a.a. caiu de 50,0% em 09/08 para 29,50% em 16/08, a de uma alta de 0,25 p.p. subiu de 18,0% para 37,5% e a de alta de 0,50 p.p. aumentou de 31,0% para 31,5%. A taxa real de juros *ex-ante* subiu de 7,37% a.a. para 7,51% a.a., adentrando-se em patamar mais restritivo, quando comparada com os 4,75% a.a. considerado como neutro pelo BC. Desde o final de abr/24, o indicador apresentou um significativo aumento de 0,92 p.p..

Mesmo com os juros em terreno contracionista, observa-se um bom dinamismo dos indicadores do mercado de trabalho e crédito, refletido no IBC-Br e no Monitor do PIB de junho. Assim, a mediana das projeções para o crescimento do PIB em 2024 no Focus elevou-se de 2,20% para 2,23%. As perspectivas são de um crescimento robusto do PIB no 2T24, com uma possível expansão superior à observada no 1T24 (de 0,8%). No período, os setores de serviços e indústria surpreenderam positivamente, enquanto o comércio apresentou um desempenho mais tímido. Para 2025, contudo, com o alongamento do prazo de manutenção da taxa básica de juros em patamar mais elevado, espera-se que a atividade desacelere o seu ritmo de crescimento para 1,89%.

Ainda na semana, as atenções estarão voltadas para os resultados da arrecadação federal. No exterior, destaque também para a ata da última reunião do Fed e para os dados de inflação ao consumidor, confiança do consumidor e PMI manufatura e serviços na zona do euro.

Expectativas

Nas projeções de inflação de curto prazo no Boletim Focus, a de agosto manteve-se na semana em 0,10% (0,15% há 4 semanas), subindo de 0,22% para 0,23% para setembro (0,20% há 4 semanas) e, também, permanecendo estável em 0,30% (0,30% há 4 semanas) para outubro. Assim, a mediana das projeções do IPCA para 2024 subiu de 4,20% para 4,22% (4,05% há 4 semanas). Com o BC manifestando o seu forte incômodo com a desancoragem das expectativas no horizonte relevante, a mediana da expectativa do IPCA recuou de 3,97% para 3,91% para 2025 (3,90% há 4 semanas). As de 2026 e 2027 permaneceram em 3,60% e 3,50%, respectivamente.

Com a queda nos prêmios de riscos no mercado, a curva da inflação implícita, apurada com base nos preços das NTN-Bs, apontou um recuo de 4,70% para 4,60% para o prazo de 1 ano, de 4,89% para 4,74% para 2 anos e de 5,03% para 4,88% para 3 anos.

Mesmo diante de mensagens mais duras transmitidas pelo BC, abrindo espaço para uma possível elevação da Selic ainda em 2024, caso seja apropriado para o controle da inflação, os respondentes da pesquisa mantiveram a projeção de Selic estável em 10,50% a.a. até o final do ano (10,50% a.a. há 4 semanas). Contudo, para o término de 2025, houve alta de 9,75% a.a. para 10,00% a.a. (9,50% a.a. há 4 semanas), enquanto para os anos de 2026 e 2027, o indicador permaneceu estável em 9,00% a.a. (9,00% a.a. há 4 semanas).

Alinhando-se ao bom dinamismo dos indicadores de atividade, refletidos no comportamento do IBC-Br e do Monitor do PIB de junho, a mediana das projeções para o crescimento do PIB em 2024 no Focus elevou-se de 2,20% para 2,23% (2,15% há 4 semanas). Porém, com o alongamento do prazo de manutenção da taxa básica de juros em terreno restritivo e uma possível elevação na Selic, a projeção para 2025 diminuiu de 1,92% para 1,89% (1,93% há 4 semanas). Por mais de 50 edições do relatório, as expectativas para 2026 e 2027 estão em 2,00%.

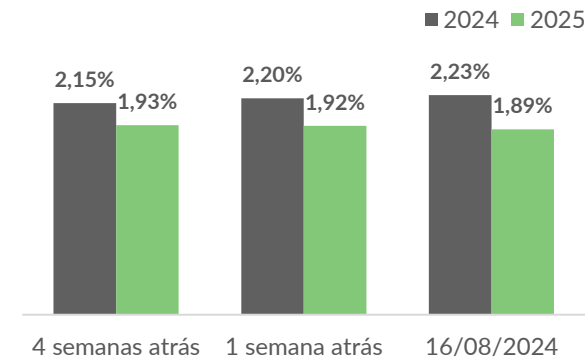
No que tange à taxa de câmbio, não tem ocorrido modificações relevantes nas expectativas. Para o final de 2024, a mediana das projeções passou de R\$/US\$ 5,30 para R\$/US\$ 5,31 (R\$/US\$ 5,30 há 4 semanas). Para os anos seguintes, ficou estável em R\$/US\$ 5,30 para 2025 (R\$/US\$ 5,23 há 4 semanas), em R\$/US\$ 5,25 para 2026 (R\$/US\$ 5,23 há 4 semanas) e em R\$/US\$ 5,25 para 2027 (R\$/US\$ 5,21 há 4 semanas).

Por fim, houve uma leve melhora na projeção de déficit primário para 2024, de -0,69% para -0,64% do PIB (-0,70% há 4 semanas). Também em relação ao PIB, o resultado para 2025 continuou em -0,70% (-0,67% há 4 semanas) e para 2026 em -0,50% (-0,55% há 4 semanas). Para 2027, o número variou de -0,31% do PIB para -0,30% (-0,41% há 4 semanas).

IPCA
Mediana das expectativas (% a.a.)

	IPCA (%)		
	Mediana - agregado		
	16/08/2024	Últ. Semana	Há 4 semanas
ago/24	0,10	0,10	0,15
set/24	0,23	0,22	0,20
out/24	0,30	0,30	0,30
2024	4,22	4,20	4,05
2025	3,91	3,97	3,90
2026	3,60	3,60	3,60

PIB
Mediana das expectativas (% a.a.)



Fonte: Focus/BCB. Elaboração ABBC

Pesquisa Firmus - Mai/24

Ainda em fase piloto e sujeita à aperfeiçoamento, o BC divulgou a 1ª edição da pesquisa Firmus que procura apresentar a percepção das empresas não financeiras em relação à situação de seus negócios e ao comportamento prospectivo de variáveis econômicas. Com periodicidade trimestral, e conduzida com coletas geralmente começando na semana seguinte à primeira reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) de cada trimestre, o relatório de maio contou com a participação de 92 respondentes.

Como em outros países, a pesquisa mostrou que as expectativas de inflação eram consistentemente maiores do que as estimativas correspondentes relatadas pelas instituições financeiras no Boletim Focus. A mediana das projeções no Firmus indicava um IPCA de 4,00% para 2024 e 2025 e de 3,70% para 2026. Já no Focus, as estimativas eram, respectivamente, de 3,89%, 3,77% e 3,60%. Adicionalmente, os desvios-padrão das respostas à Firmus são maiores do que os da pesquisa Focus. Em relação à expansão do PIB, a maioria das empresas espera um aumento de 2,00% este ano, expectativa similar à do Focus, de um crescimento de 2,01%.

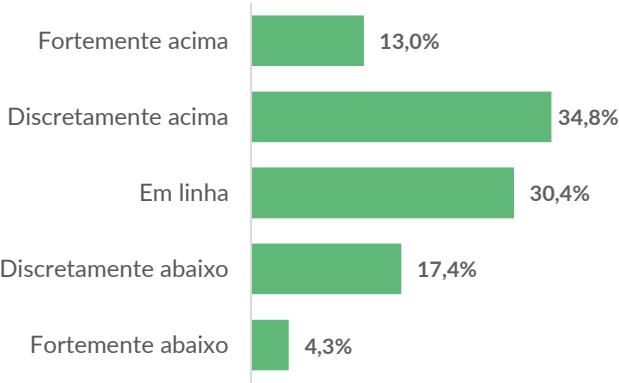
Adicionalmente, 30,4% dos respondentes do questionário de mai/24 estimavam que o crescimento real do seu principal setor de atuação fosse similar ao avanço do PIB em 2024 e 34,8% discretamente superior. Porém, a parcela de empresas com um sentimento positivo para o seu setor de atividade reduziu de 47,6% em nov/23 para 34,8% em mai/24. No que se refere aos custos de mão de obra, 59,8% da amostra esperava uma elevação de mais de 4,0% no período, um indício de pressão no mercado de trabalho.

De maneira complementar, a pesquisa revelou que 41,3% das empresas esperavam que os preços de seus produtos aumentassem em linha com a inflação nos próximos 12 meses. Na mesma direção, 71,7% dos respondentes esperavam que no futuro, suas margens de resultados ficassem em linha ou discretamente acima das margens de resultados atuais.

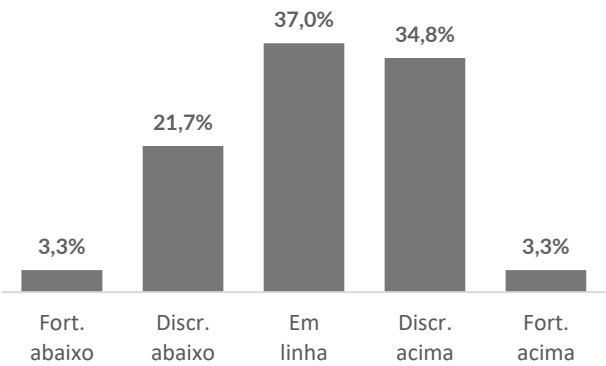
Mediana das Expectativas (%)

IPCA		
	Firmus	Focus
2024	4,00	3,89
2025	4,00	3,77
2026	3,70	3,60

Expectativa do Setor vs. PIB 2024



Margem de Resultado
Próximos 12 meses vs. atual



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

Economia Internacional

Em linha com as expectativas, o índice de preços ao consumidor (CPI) dos EUA aumentou 0,2% em julho ante um recuo de -0,1% em jun/24. Assim, a taxa anualizada desacelerou de 3,0% a.a. em jun/24 para 2,9% a.a.. Excluindo-se as variações de preços de alimentos e energia, o aumento do índice saiu de 0,1% em jun/24 para 0,2%. O crescimento anual dessa medida de núcleo reduziu de 3,3% a.a. em jun/24 para 3,2% a.a.. Após atingir um ápice de 9,1% a.a. em jun/22, a trajetória gradual da inflação em direção a meta de 2,0% deve ser vista com cautela, embora o mercado aposte que em setembro seja iniciado um processo paulatino de afrouxamento monetário.

Após um incremento de 0,2% em jun/24, o índice de preços ao produtor (PPI) subiu 0,1% em julho, aquém também das previsões de mercado (+0,2% no London Stock Exchange Group- LSEG). Em 12 meses, a inflação pelo PPI desacelerou de 2,7% a.a. em jun/24 para 2,2% a.a.. A medida de núcleo aumentou 0,3% em julho ante uma alta de 0,1% em jun/24. Com isso, a taxa anualizada acelerou de 3,2% a.a. em jun/24 para 3,3% a.a..

De forma conjugada ao cenário favorável para a inflação, a atividade e mercado de trabalho apresentaram números que mitigaram os temores com a formação de um processo recessivo, a despeito dos juros em território contracionista. Após uma queda de -0,2% em jun/24, as vendas no varejo cresceram 1,0% em julho, o que representou o maior aumento na margem desde jan/23, surpreendendo positivamente os analistas (+0,3% na Reuters).

No mercado de trabalho, os pedidos semanais por seguro-desemprego apresentaram uma queda de 7 mil na semana encerrada em 10 de agosto, para 227 mil solicitações, montante abaixo dos 235 mil aguardados. Ainda, a média móvel de 4 semanas foi de 236,5 mil, um recuo de 4,5 mil pedidos em relação à média revisada da semana anterior de 241,0 mil.

Também de forma positiva, a confiança dos consumidores, medida pela Universidade de Michigan, aumentou de 66,4% em jul/24 para 67,8% no número preliminar de agosto. As expectativas de inflação permaneceram inalteradas em 2,9% em 12 meses e em 3,0% para 5 anos.

Por sua vez, com uma queda mais intensa do que a esperada, de -0,1%, a produção industrial recuou -0,6% em julho, depois de avançar 0,3% no mês anterior. A capacidade utilizada pela indústria diminuiu de 78,8% em jun/24 para 77,8%, ficando 1,9 p.p. abaixo da média de longo prazo.

Já o mercado imobiliário do EUA continua mostrando sinais de enfraquecimento, diante das altas taxas de juros das hipotecas. Em julho, as construções de moradias tiveram uma queda expressiva de -6,8% na margem, ao ritmo anualizado de 1,238 milhão (-0,6% na FactSet). Ademais, as permissões para novas obras caíram -4,0% no mês passado (-0,2% na FactSet).

Com a debilidade no setor imobiliário, a atividade na China mostra sinais preocupantes, reforçando a hipótese de que os esforços do governo para estimular o consumo e o investimento são insuficientes. O impulso maior advém da manufatura, em julho, a produção industrial cresceu 5,1% em termos interanuais, decepcionando as projeções dos analistas e exibindo desde mai/24 perda de dinamismo (5,2% a.a. na Reuters). Na mesma base comparativa, a elevação das vendas no varejo acelerou de 2,0% a.a. em jun/24 para 2,7% a.a., superando as expectativas (2,6% na Reuters). Ademais, o investimento em ativos fixos aumentou 3,6% entre janeiro e julho, abaixo do crescimento de 3,9% previsto pelos analistas. Houve piora nos investimentos no setor imobiliário, com uma queda de -10,2% no acumulado do ano até julho, ante uma queda de -10,1% em jun/24. Por fim, a taxa de desemprego aumentou dos 5,0% verificados em jun/24 para 5,2% em julho.

Em linha com o esperado, o crescimento trimestral do PIB na Zona do Euro manteve-se em 0,3%, como indicado nos números preliminares do 2T24. Ainda, o número de pessoas empregadas cresceu 0,2% no trimestre, após uma expansão de 0,3% no 1T24. Frustrando as expectativas (+0,5% na FactSet), a produção industrial da região contraiu-se em -0,1% na margem em junho, após uma contração de -0,9% em mai/24.

Aversão ao Risco

A combinação da divulgação de dados robustos relacionados ao consumo das famílias e de solicitações de pedidos por seguro-desemprego com a desaceleração, ainda que gradual, da inflação, indicam que a economia dos EUA parece caminhar para um pouso suave, mitigando as recentes preocupações com os riscos de formação de um processo recessivo nos EUA no curto prazo. Neste sentido, acreditando no espaço para um ciclo gradual de flexibilização monetária, os investidores adotaram uma postura mais positiva para a tomada de risco.

Para a semana que se adentra, as atenções estarão voltadas para o impacto nas expectativas da comunicação que será transmitida pelo Fed no Simpósio de Jackson Hole, principalmente ao oferecer uma maior referência sobre a trajetória futura da política monetária.

Consequentemente, a tese da necessidade de cortes mais agressivos perdeu força. Na sexta-feira, a probabilidade implícita pelos futuros dos *Fed Funds* de um corte de -0,25 p.p. na reunião de setembro, voltou a ser majoritária. De acordo com a ferramenta FedWatch da CME, a probabilidade de uma redução de -0,25 p.p. passou de 50,0% em 12/08 para 75,0% em 16/08, enquanto as chances de um corte de -0,50 p.p. eram de 25,0% (50,0% em 12/08).

Houve movimentações suaves no mercado de títulos públicos. O rendimento das *T-notes* com vencimento em 2 anos passou de 4,05% a.a. em 09/08 para 4,06% a.a. em 16/08. Por sua vez, para os períodos mais longos, ocorreram quedas nos rendimentos, o de 5 anos diminuiu de 3,80% a.a. para 3,77% a.a., o de 10 anos de 3,94% a.a. para 3,89% a.a. e o de 30 anos de 4,23% a.a. para 4,15% a.a..

As principais bolsas de valores acumularam significativos ganhos na semana, com destaque para as altas de: 5,29% na Nasdaq, 3,93% no S&P 500, 2,94% no Dow Jones, 3,38% no DAX 40, 8,67% no Nikkei 225, 1,75% no FTSE 100. Com acréscimo de apenas 0,60%, as preocupações com a economia na China pesaram sobre o índice de Xangai.

No mercado de *commodities*, o preço da saca de soja na bolsa de Chicago caiu -8,68%, favorecido pelas condições climáticas nos EUA, enquanto o minério de ferro exibiu forte desvalorização de -8,26%, em meio às preocupações com o baixo dinamismo da economia chinesa. A despeito das crescentes tensões geopolíticas e dos temores com a demanda global, a cotação do barril de petróleo tipo Brent encerrou a semana com leve alta de 0,03%, cotado a US\$ 79,68, após ter aumentado mais de 3,0% na semana anterior.

No ambiente interno, após superar a marca de 134,0 mil na quinta-feira (15/08), mesmo diante de um eventual ciclo de aperto monetário à frente, o Ibovespa fechou a semana com uma alta expressiva, avançando 2,56% aos 133,9 mil pts.. Em consonância com a menor aversão ao risco, o prêmio do risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, cedeu -12,87 bps., para 152,90 bps..

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	16/08/2024	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	133.953	2,56%	3,75%	16,50%
Nasdaq	17.632	5,29%	-4,74%	32,40%
S&P	5.554	3,93%	-1,99%	27,09%
Dow Jones	40.660	2,94%	-0,72%	17,94%
FTSE 100	8.311	1,75%	1,79%	13,70%
DAX 40	18.322	3,38%	-1,06%	16,88%
Nikkei 225	38.063	8,67%	-7,78%	20,35%
Xangai	2.879	0,60%	-3,25%	-8,99%

T-Note de 10 anos

Rendimento em % a.a.

Câmbio

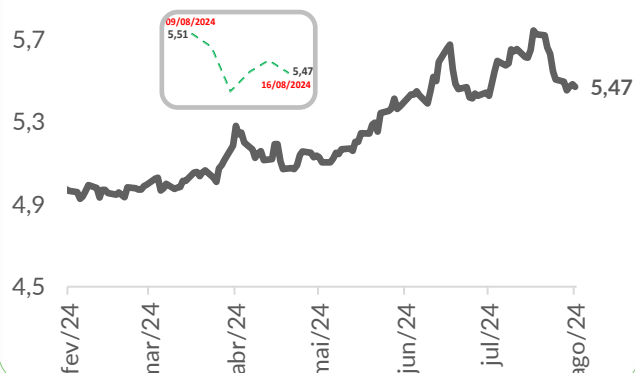
Com a menor aversão ao risco, o dólar perdeu força no mercado de câmbio internacional. O *Dollar Index*, que mede o desempenho do dólar frente a uma cesta de 6 moedas de países desenvolvidos, recuou -0,65% na semana, refletindo as apreciações de 1,41% na libra esterlina e de 1,00% no euro.

No mesmo sentido, o índice que calcula a variação de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar elevou-se 0,23%, refletindo as apreciações de 2,52% no rand sul africano e de 1,02% nos pesos mexicano e colombiano, além das depreciações de -1,13% do rublo russo e -0,49% do peso argentino.

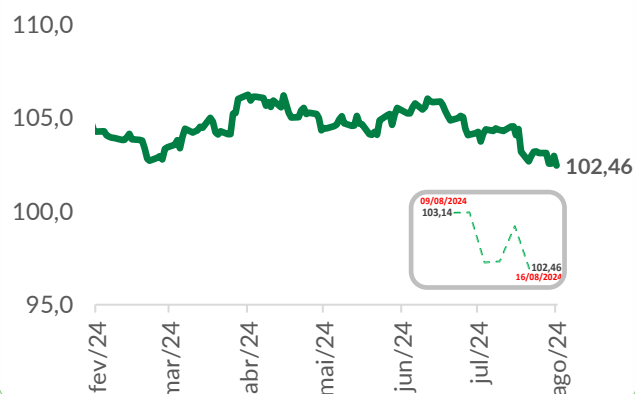
Com desempenho superior à média de seus pares emergentes, o real se apreciou em 0,65% na semana, com o dólar encerrando cotado em R\$ 5,47. A despeito da volatilidade recente, espera-se continuidade no processo de recuperação do real com o início do processo de flexibilização monetária nos EUA. Na semana, o BC manteve a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/10/2024.

Finalizando, entre os dias 5 e 9 de agosto, o fluxo cambial registrou saída líquida de US\$ 836,0 milhões, decorrente da retirada líquida de US\$ 252,0 milhões da conta comercial e de US\$ 584,0 milhões da financeira. No acumulado de agosto, o fluxo cambial está negativo em US\$ 302,0 milhões. No período, o fluxo financeiro anotou uma saída líquida de US\$ 1,374 bilhão, enquanto o fluxo comercial registrou uma entrada de US\$ 1,072 bilhão.

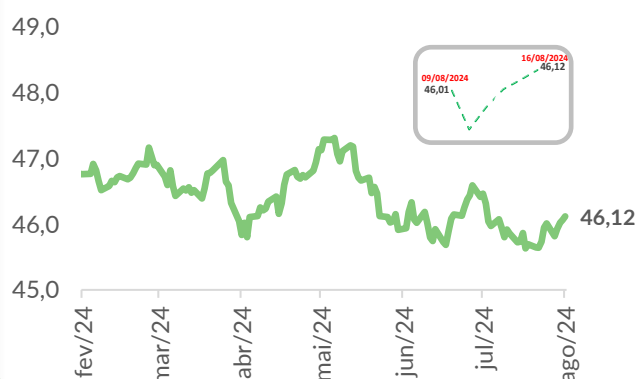
Real/US\$



Dólar Index*



Índice de Emergentes**



*Cesta do *Dollar Index*:

Euro; Yen; Libra Esterlina; Dólar Canadense; Coroa Sueca; e Franco Suíço.

**Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

Com o tom mais duro nas mensagens das autoridades do BC, em meio às surpresas positivas na atividade econômica, combinadas ao cenário de inflação mais desafiador, ampliaram-se as apostas de elevação da Selic nos próximos meses, passando a fazer parte do cenário-base de um quadro ainda maior de instituições.

Assim, no mercado de opções digitais da B3, a probabilidade de manutenção da Selic em setembro em 10,50% caiu de 50,0% em 09/08 para 29,50% em 16/08. Por sua vez, a de uma alta de 0,25 p.p. subiu de 18,0% para 37,50% e a de alta de 0,5 p.p. de 31,0% para 31,50%.

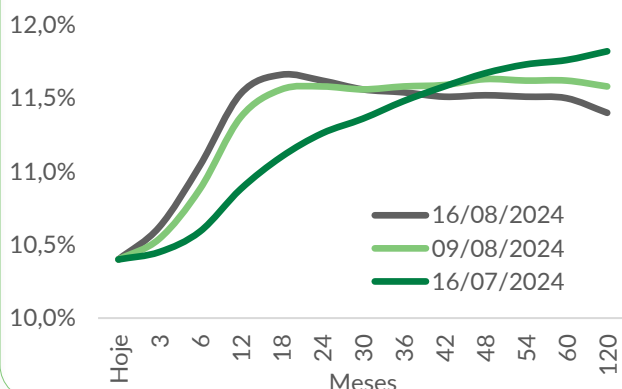
Como consequência de um novo posicionamento, a Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) apresentou na semana uma redução na sua inclinação, com os vértices curtos e intermediários elevando-se na semana. Já as taxas dos vértices de longo prazo cederam, acompanhando em maior grau o movimento dos Treasuries.

Em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa de 6 meses acelerou de 10,88% a.a. para 11,04% a.a., a de 1 ano de 11,37% a.a. para 11,53% a.a. e a de 2 de 11,58% a.a. para 11,62% a.a.. Contudo, para 3 anos a taxa recuou de 11,58% a.a. para 11,54% a.a., a de 4 de 11,63% a.a. para 11,52%, a de 5 de 11,62% a.a. para 11,50% e a de 10 anos de 11,58% a.a. para 11,40%.

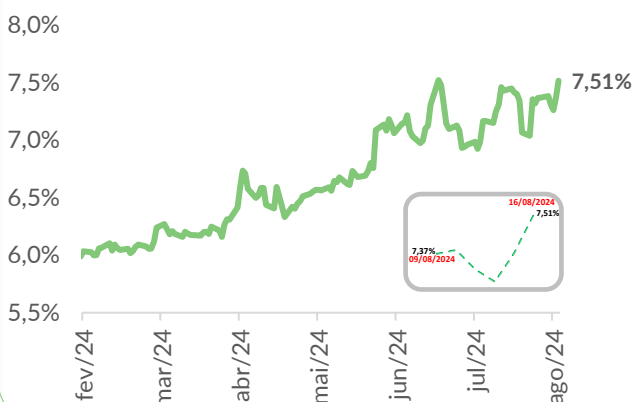
Com a inflação esperada para os próximos 12 meses no Boletim Focus permanecendo em 3,73% e a taxa do *swap* DI aumentando em 0,16 p.p., a taxa real de juros ex-ante subiu de 7,37% a.a. para 7,51% a.a., adentrando-se em patamar mais restritivo quando comparada com os 4,75% a.a. considerado como neutro pelo BC. Desde o final de abr/24, o indicador apresentou uma significativa elevação de 0,92 p.p..

A medida de inclinação da curva de juros calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, cedeu -0,34 p.p. na semana, para -0,13 p.p.. Em menor intensidade, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de título públicos na Anbima, recuou -0,28 p.p. no período, para -0,01 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros (% a.a.)

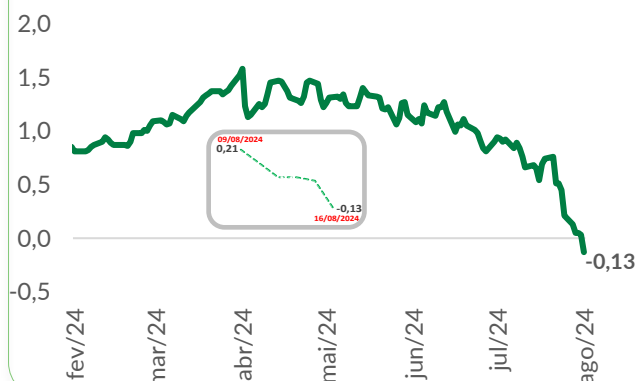


Taxa Real de Juros ex-ante (% a.a.)



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos – em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

IGP-10 - Ago/24

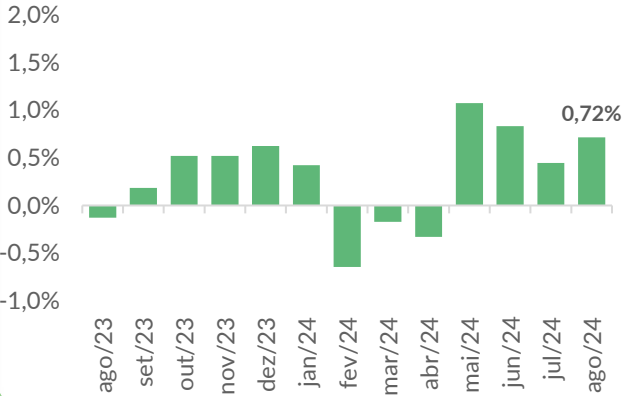
Refletindo integralmente o reajuste nos preços dos combustíveis pela Petrobras, o IGP-10 acelerou de 0,45% em jul/24 para 0,72% em agosto, ficando acima da projeção do LSEG de uma alta de 0,35%. No ano, houve uma elevação de 2,36% e a taxa anualizada acelerou de 3,38% a.a. para 4,26% a.a. (-7,37% a.a. em ago/23).

O IPA apresentou uma alta de 0,84%, superior aos 0,49% de jul/24. Por estágios de processamento, na margem, a variação dos preços dos Bens Finais passou de 0,07% para 0,09%, puxada principalmente por combustíveis para consumo. A dos Bens Intermediários subiu de 0,44% para 1,26%, influenciada pelo subgrupo de combustíveis e lubrificantes para a produção. Já a das Matérias-Primas Brutas saiu de 0,96% para 1,12%, destacando-se as elevações nos bovinos, cana-de-açúcar e aves. Em 12 meses, o índice ampliou-se de 3,14% a.a. em jul/24 para 4,21% a.a. (-11,11% a.a. em ago/23).

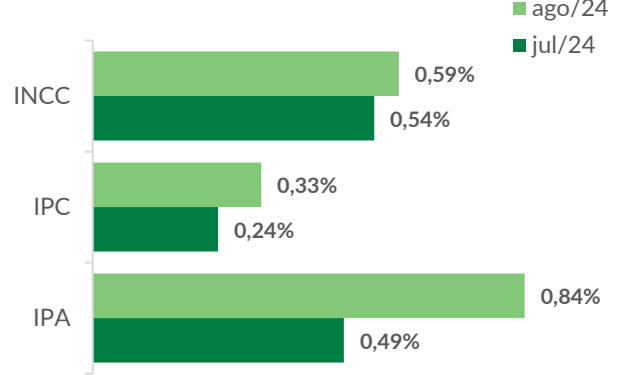
O IPC acelerou sua alta de 0,24% em jul/24 para 0,33%. 5 das 8 classes de despesas registraram acréscimo nas taxas mensais: Transportes (0,28% para 1,52%), Educação, Leitura e Recreação (0,67% para 1,88%), Habitação (0,14% para 0,31%), Despesas Diversas (0,95% para 1,34%) e Comunicação (0,08% para 0,30%). Em contrapartida, houve desaceleração em: Alimentação (-0,12% para -1,32%), Saúde e Cuidados Pessoais (0,41% para -0,01%) e Vestuário (0,18% para -0,18%). Considerando-se sua variação anual, o IPC registrou uma alta de 4,23% a.a., ante 3,88% a.a. em jul/24 (3,85% a.a. em ago/23).

Por fim, o INCC variou de 0,54% em jul/24 para 0,59%, impulsionado pelo aumento das taxas dos grupos materiais, equipamentos e serviços, com as seguintes variações: Materiais e Equipamentos (0,38% para 0,69%), Serviços (0,08% para 0,62%) e Mão de Obra (0,83% para 0,47%). Desta forma, o indicador elevou-se de 4,20% a.a. em jul/24 para 4,64% a.a. (2,84% a.a. em ago/23).

Variação Mensal



Variação Mensal Abertura



Evolução Anual



Fonte: FGV.. Elaboração ABBC

Pesquisa Mensal de Serviços – Jun/24

Na série livre de influências sazonais, o volume de serviços voltou a crescer em junho. Após ter recuado -0,38% em mai/24, o indicador elevou-se em 1,67%, atingindo o ponto mais alto da série. Ademais, o número superou em muito as estimativas de mercado (0,80% do Valor Data).

Apesar da restrição das condições financeiras e da perda do impacto do aumento do salário mínimo e do pagamento de precatórios, a perspectiva é de que o setor mantenha o bom desempenho no 2º semestre. O carregamento estatístico da série é de 0,98% para o 3T24 e de 2,05% para 2024.

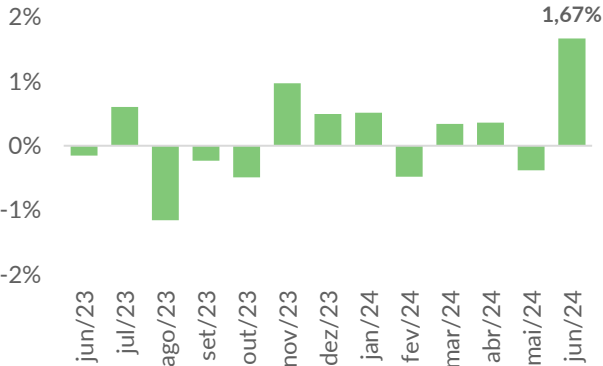
O avanço mensal foi disseminado em todas as 5 atividades pesquisadas. Destaque para o setor de Transportes que saiu de uma queda de -1,48% em mai/24 para uma elevação de 1,80%, alavancado pelo transporte aéreo, em função da queda dos preços nas passagens, e de atividades relacionadas às indústrias de gás e de petróleo bruto. Com o bom desempenho dos serviços de tecnologia da informação, de streaming e de telecomunicações, o setor de informação e comunicação cresceu 2,01%, após recuar -1,08% em mai/24. Por sua vez, no setor de serviços prestados às famílias houve uma redução no aumento mensal de 3,07% para 0,25%.

No 2T24, o volume de serviços acumulou um ganho de 0,72%, após crescer 0,95% no 1T24. No acumulado do 1º semestre, houve uma expansão de 1,54% em relação a igual período de 2023.

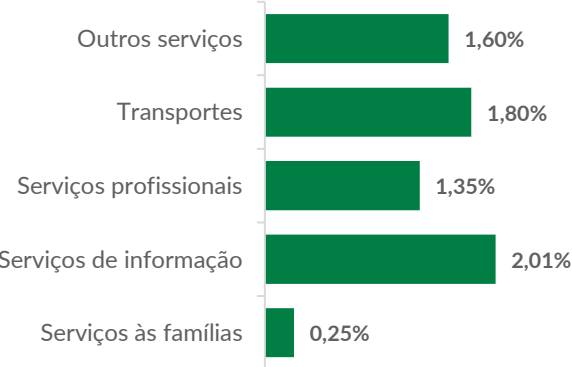
No acumulado dos últimos 12 meses, a variação do volume de serviços apresentou perda de dinamismo, passando de 1,19% a.a. em mai/24 para 0,96% a.a. (6,24% a.a. em jun/23). Na decomposição por setores, as elevações foram de: 4,24% a.a. em serviços prestados a famílias; 3,72% a.a. nos serviços de informação e comunicação; 2,44% a.a. nos serviços profissionais, administrativos e complementares; e 0,04% a.a. em outros serviços. Em contrapartida, o segmento de transportes recuou -2,17% a.a..

Com o resultado de junho, o setor de serviços situou-se 14,33% acima do nível pré-pandemia (fev/20) e 0,50% superior ao antigo patamar recorde, em dez/22.

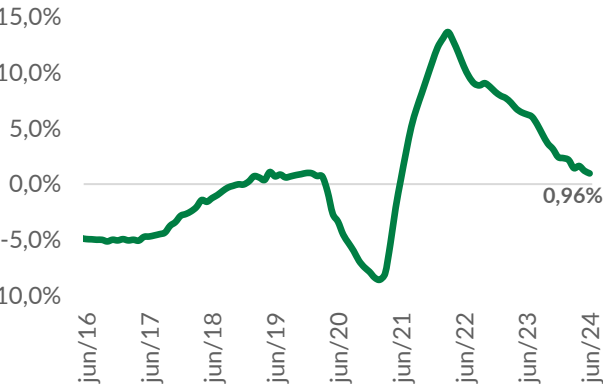
Variação Mensal
Com ajuste sazonal



Variação Mensal
Por segmento – série com ajuste sazonal



Evolução Anual
Acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

Pesquisa Mensal do Comércio – Jun/24

Revertendo as altas nas últimas 5 apurações, que culminaram no recorde da série histórica em mai/24, as vendas no varejo em junho decepcionaram as expectativas reduzindo-se em -0,97% (estabilidade no Valor Data). Dessa forma, o indicador situou-se 8,08% acima do nível pré-pandemia (fev/20). O sentimento é de que no 2º semestre haverá acomodação no setor, em linha com o crescimento mais modesto do consumo.

Das atividades que compõem o varejo restrito, 4 de 8 reduziram-se na margem: Supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (-2,12%); Outros artigos de uso pessoal e doméstico (-1,83%); Tecidos, vestuário e calçados (-0,93%); e Livros, jornais, revistas e papelaria (-0,33%). Com elevações no período: Combustíveis e lubrificantes (0,62%); Equipamentos e material para escritório, informática e comunicação (1,25%); Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria (1,81%); e Móveis e eletrodomésticos (2,64%).

No que se refere ao comércio varejista ampliado, que inclui veículos e motos e material de construção, na série dessazonalizada, o volume das vendas avançou 0,37%, após uma alta de 0,70% em mai/24. Com a categoria de materiais de construção saindo de uma variação de -2,68% para 4,80% e as vendas de veículos de -2,55% para 3,85%.

O desempenho de junho deixou um carregó estatístico para o 3T24 de -0,35% no conceito restrito e de +0,48% no ampliado. No 2T24, também na série com ajuste, o volume no varejo restrito acumulou um ganho de 1,51%, após crescer 2,12% no 1T24, ao passo que no ampliado passou de 2,88% para apenas 0,26% no 2T24.

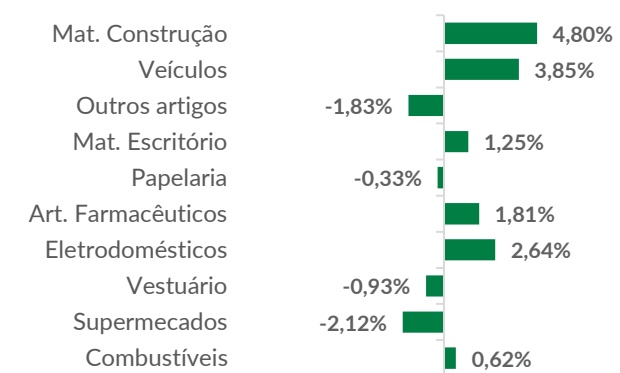
No acumulado do primeiro semestre, houve expansão de 5,25% no conceito restrito e de 4,30% no ampliado, em relação a igual período de 2023.

Já a variação anual das vendas acumuladas em 12 meses ampliou-se de 3,37% a.a. em mai/24 para 3,58% a.a. para o comércio restrito (0,96% a.a. em jun/23), enquanto a do ampliado reduziu-se de 3,68% a.a. para 3,45% a.a. (0,28% a.a. em jun/23).

Variação Mensal
Com ajuste sazonal



Variação Mensal
Por segmento – série com ajuste sazonal



Evolução Anual
Acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

IBC-Br – Jun/24

Utilizado como indicador antecedente do PIB, o IBC-Br apontou uma alta de 1,37% em junho, na série livre de influências sazonais (+0,50% na Reuters). Ademais, houve uma revisão para cima no número de maio, apresentando agora alta de 0,42%, ante 0,25% informada anteriormente.

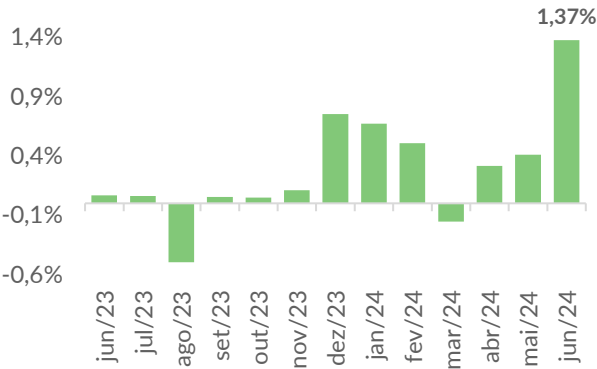
O resultado na margem veio na esteira do bom desempenho nos setores de indústria e serviços, a despeito da queda observada no varejo. Na comparação interanual, o indicador mostrou acréscimo de 3,18%. Com isso, na série dessazonalizada, fechou o 2T24, marcado principalmente pela calamidade do Rio Grande do Sul (RS), com crescimento de 1,12%, ante alta de 1,50% no 1T24. O carregó estatístico é de uma alta de 1,05% para o 3T24.

Os indicadores de atividade em junho sustentam a expectativa de que o PIB no 2T24 mostre pelo menos uma expansão próxima à de 0,8% verificada no 1T24. Os dados mais recentes devem elevar as projeções de crescimento do PIB em 2024.

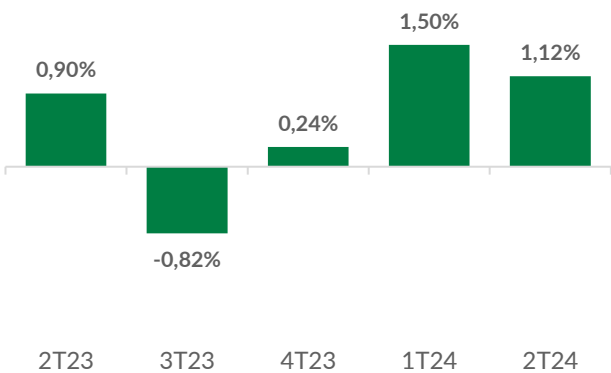
Levando-se em consideração a variação acumulada em 12 meses, o crescimento acelerou de 1,60% a.a. em mai/24 para 1,64% a.a. (+3,44% a.a. em jun/23), deixando para 2024 um carregó estatístico de 2,88%.

O resultado do IBC-Br de junho endossa a comunicação do BC de que a atividade e o mercado de trabalho no país têm crescido acima dos esperados, indicativo de que a economia mostra um bom desempenho, mesmo com a taxa de juros em patamar consideravelmente contracionista. A possibilidade de que esteja operando perto de sua capacidade máxima impões um maior desafio à convergência da inflação à meta.

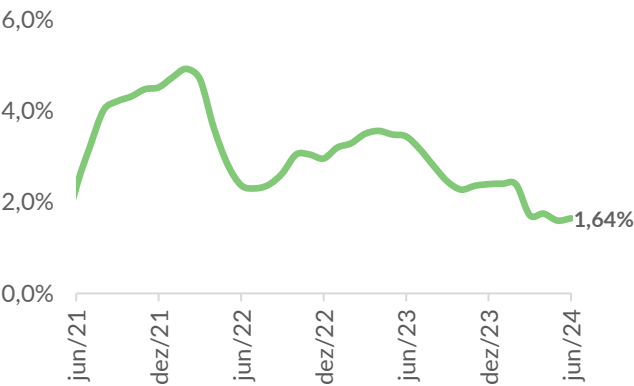
Variação Mensal
Série com ajuste sazonal



Variação Trimestral
Com ajuste sazonal



Variação Anual
Acumulado em 12 meses



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

Monitor do PIB – Jun/24

Indicando também uma perspectiva positiva, o Monitor do PIB da FGV apontou um crescimento de 1,4% na atividade econômica em jun/24, após um aumento de 0,3% em mai/24, na série livre de influências sazonais.

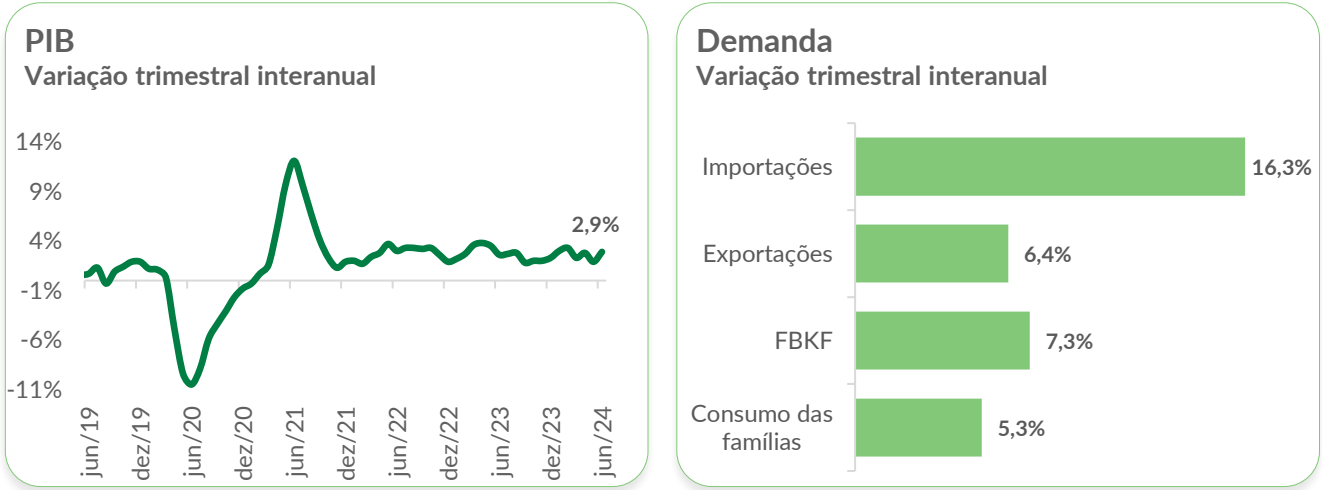
Em relação ao fechamento do 2T24, o indicador apresentou alta de 1,1% em relação ao 1T24 e de 2,9% na comparação interanual. A taxa acumulada em 12 meses foi de 2,3% a.a.. O desempenho do indicador no período demonstrou o sólido crescimento da economia pelo 2º trimestre consecutivo.

Na análise desagregada dos componentes da demanda, na série trimestral interanual, destaque para a expansão da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), que apontou uma alta de 7,3% no 2T24, sinalizando o aumento da capacidade produtiva, o que tende a contribuir para o produto potencial. O resultado teve forte influência de máquinas e equipamentos, sobretudo de produtos importados.

Na mesma base comparativa, o consumo das famílias cresceu 5,3%, impulsionado por todas as suas categorias, tendo como principais destaques o consumo de produtos não duráveis, duráveis e de serviços. Importante mencionar que o consumo de duráveis, com acréscimo de 13,7% no trimestre, apresentou sua maior variação desde o trimestre findo em jul/21.

Fortemente influenciadas pelo embarque de produtos da extrativa mineral, as exportações voltaram a crescer de forma elevada no 2T24, com uma alta de 6,4%. Já as importações expandiram-se em 16,3%, na mesma base de comparação, maior taxa desde o trimestre findo em out/21. Destacam-se nesse resultado a importação de bens intermediários e bens de consumo.

Ainda, a taxa de investimento foi de 17,8% do PIB no 2T24, na série a valores correntes. Esse número está acima da taxa de investimento média desde 2015 e um pouco abaixo da taxa média desde 2000.



Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	2,1
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,9	10,1
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,4	6,9
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	4,2
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	3,4
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	10,50
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	98,6	81,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-28,6	-39,9
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	61,9	70,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,8	5,30
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-2,3	-0,7
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,9	-7,2
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,0	64,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	74,3	78,0



Diretoria de Economia, Regulação e Produtos



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688